

UMA NOVA INTERPRETAÇÃO PLATÔNICA: A CONTRIBUIÇÃO DE SCHLEIERMACHER

Mariana Leme Belchior*

RESUMO: A historiografia platônica, a partir dos anos 50, se concentrou numa questão de ampla relevância para a compreensão da filosofia de Platão, que diz respeito ao fato de que há certa discrepância entre a imagem que Platão oferece em sua filosofia nos diálogos e aquela que seus discípulos nos transmitiram. Este problema historiográfico já havia sido abordado por Schleiermacher no século XIX ao elaborar uma teoria do diálogo como uma forma de representação, que vincula a filosofia de Platão a uma comunicação direta e indireta, capaz de influenciar diversos autores ao longo dos séculos XIX e XX.

PALAVRAS-CHAVE: História da Filosofia Antiga, Platão, Hermenêutica.

A NEW PLATONIC INTERPRETATION: THE CONTRIBUTION OF SCHLEIERMACHER

ABSTRACT: Dating from the 50s, platonic historiography has concentrated on a question of great relevance for the comprehension of Plato's philosophy, concerning the fact that there is a discrepancy between the image which Plato gives his philosophy in the dialogues and the one which his disciples handed down to us. This historiographic problem has already been addressed by Schleiermacher in the XIX century when he elaborated a theory of the dialogue as a form of representation, which links Plato's philosophy to a direct and indirect communication, capable of influencing several authors through the XIX and XX centuries.

KEYWORDS: History of ancient philosophy, Plato, Hermeneutic.

* Mestre em Filosofia (UnB), doutoranda pela Universidade de Coimbra/Archai.

De acordo com Santos (2008, p. 19-21), a problemática que envolve a interpretação do *corpus* platônico “deve-se a uma ampla diversidade de fatores” como o conhecimento da literatura e da cultura grega e os “fatores estilísticos e literários” de sua obra. A tradição platônica pode ser interpretada a partir de duas fontes: a tradição direta, aquela apresentada em seus *Diálogos*, e a tradição indireta platônica, transmitida pelos seus discípulos mais próximos, como Aristóteles, Xenócrates e Espêusipo. O primeiro grande comentador da filosofia de Platão foi seu ilustre discípulo Aristóteles. Sua leitura de Platão, no decorrer dos séculos, tem-se apresentado como um dos pontos de discordância entre as diferentes análises interpretativas do pensamento platônico. Sabe-se que o estagirita, além de fazer várias críticas ao seu mestre, teria compartilhado com os colegas de Academia e, também, com seus discípulos, “um conjunto de concepções, teorias e doutrinas que os diálogos não” revelariam ou identificariam como sendo de Platão. Já a questão estilística e literária está interligada à linguagem e à forma de escrita adotada por Platão: o diálogo. O pensamento platônico deve ser interpretado com base nos seus diálogos e através de seus intérpretes e comentadores. Contudo,

para Santos (2008, p.21), é aqui que identificamos um dos problemas centrais que envolvem a interpretação do *corpus* platônico: o lugar da tradição indireta no pensamento platônico. Segundo Perine (2007, p.20), era comum na antiguidade “a interpretação de um filósofo antigo com base na tradição indireta”. Entretanto, no século XIX, Schleiermacher teria “inovado seus métodos com a sua tradução alemã da obra platônica”.¹

O estudo de Schleiermacher sobre Platão foi determinante para os estudos filosóficos, pois, com seu paradigma hermenêutico ele, pela primeira vez, se propôs a transcender os limites bíblicos da disciplina hermenêutica.²

Anteriormente às inquietações de Schleiermacher, prevalecia uma ideia generalizada de que a exegese deveria reproduzir apenas uma apreciação de textos antigos e clássicos.³ Pode-se dizer que este mesmo período representa a passagem de um estudo pré-filosófico para a consolidação do estudo filosófico, enquanto exercício interpretativo e reflexivo de caráter epistemológico e filológico sobre determinadas áreas do saber.⁴

De acordo com Xavier (2005, p.25-26), todas as diretrizes metodológicas utilizadas por Schleiermacher advinham de um momento de transição da cultura alemã que não poderiam ser ignoradas ou deixar de ser mencionadas, pois as influências e as expectativas deste período foram fundamentais para Schleiermacher e sua concepção da figura de Platão.⁵

O método apresentado por Schleiermacher (1829, p. 25-64), tinha como objetivo fornecer instrumentos viáveis a todo o tipo de texto. A base desta reconstrução se desenvolve através do círculo hermenêutico.⁶ Deve-se buscar no universal a singularidade como ponto de partida deste processo, pois a compreensão é um processo circular que define o sentido, ou seja, um determinado conceito deve ser analisado em relação aos elementos que determinam seu contexto.

Assim, Schleiermacher cria um novo modelo de racionalização. Mediante interpretação de

textos, ele determina a apreensão do sentido como essência do método.⁷ Aponta então no panorama filosófico uma hermenêutica fundamentada em questões relacionadas às técnicas utilizadas como instrumento de resolução de problemas interpretativos e que, de alguma maneira, se contrapõe às ideias anteriores de uma hermenêutica exclusivamente técnica.

A proposta de Schleiermacher fundamenta-se em uma nova operação hermenêutica baseada em experimentos e observações sobre a pluralidade existente nas diferentes maneiras de se conceber a compreensão a partir da relação leitor/autor. Para ele, um dos fatores decisivos que devem constituir uma análise hermenêutica não se resume à simples interpretação textual, mas sim à metodologia que leva à compreensão do texto analisado.

De acordo com Puente (2002, p.14-15), o método schleiermacheriano baseia-se em dois aspectos importantes: a obra literária e a linguagem. O “estilo” utilizado no uso da linguagem, para Schleiermacher, apresenta-se “entrelaçado” com a própria obra, isto é, as condições e as alternativas viáveis às possibilidades de mediação entre o autor e o leitor estão integradas, sendo impossível considerar apenas um dos aspectos no exercício hermenêutico.

Neste sentido, a inseparabilidade existente entre o sujeito e o objeto e a visão de totalidade entre o texto e o contexto, que antecedem à análise hermenêutica, são elementos essenciais para uma pré-compreensão da leitura.⁸ Consequentemente, a partir desta teoria, depreende-se que não é possível compreender um texto em sua íntegra, a não ser que se compreenda de modo singular o significado das palavras e frases que foram apresentadas, levando-se à compreensão de que não seria possível entender uma palavra ou frase a menos que se considere o todo.

Entretanto, para tal compreensão, é necessário para Schleiermacher a utilização de “dois métodos diversos, mas indissociáveis entre si, a saber, o método divinatório e o comparativo”

1. As pesquisas atuais realizadas por historiadores comprovaram que a obra de Schleiermacher não foi a primeira a desenvolver um estudo hermenêutico, contudo, seu estudo e sua obra, ainda hoje, são considerados os mais influentes. O estudo de Schleiermacher sobre Platão influenciou sua própria filosofia (HÖSLE 2004, pp.56-64).

2. De acordo com Höhle (2004, pp.57-58), “Schleiermacher rompe radicalmente com a doutrina do quádruplo sentido da Escritura: há apenas uma forma de interpretação, a histórica, que vincula o autor com a linguagem e as ideias de seu próprio tempo”.

3. O modelo *exegese* foi traído por suas próprias regras e pela falta de metodologia para sustentação de uma análise mais rigorosa (XAVIER 2005, p.147). Entretanto, afirma Höhle (2004, pp.44-45), este paradigma foi fundamental para a transformação da filologia clássica em “ciência objetivante do mundo antigo” e, por outro lado, para a emancipação desta nova disciplina.

4. No início de seu texto sobre hermenêutica, Schleiermacher (1829, pp.27-33), apresenta os motivos que o conduziram ao campo investigativo hermenêutico e cita as obras de Wolf e Ast como “o que foi editado de mais importante nesse domínio”. Após uma breve apresentação das obras, ele se volta contra a ideia, difundida nos escritos de Wolf e Ast, de que a hermenêutica, em conjunto com a crítica e a gramática, constituiria um estudo preparatório, um conhecimento complementar ou apenas um apêndice à filologia e à teologia cristã. Para ele, a restrição ao método hermenêutico como instrumento interpretativo destinado somente às obras da antiguidade clássica e aos textos das Sagradas Escrituras foi seu objeto de contraposição a Ast e Wolf. Segundo Schleiermacher, a obra de Wolf representa “o espírito mais sutil da filologia” e, por evitar a forma sistemática em seu ensaio, acaba tratando a hermenêutica como estudo preparatório para outras disciplinas. Já Ast tenta proceder “como um filólogo que opera as combinações filosoficamente” e,

apesar de considerar fundamental a filosofia para a explicação científica, trata a hermenêutica “como apêndice de filologia”. Assim, a partir desta análise, Schleiermacher contrapõe as ideias dos autores como distantes e, ao mesmo tempo, complementares para uma nova proposta hermenêutica. A datação da obra refere-se à data da primeira versão do autor no início de seu capítulo *Discursos Acadêmicos de 1829*, mas utilizo nas citações a tradução de Celso Reni Braida, mantendo a paginação da edição da tradução de 2006.

5. Schleiermacher, através de seu método, procura conceder um *status* mais racional à filologia, visando à dedução a priori das categorias fundamentais deste âmbito, parecido com o idealismo alemão (HÖSLE 2004, p.57).

6. O processo de entendimento pode ser compreendido como o responsável por fornecer o sentido geral às partes individuais, ou, o contrário, às partes que constituem o sentido geral. Ou seja, só se consegue compreender o sentido de determinada palavra na medida em que esta palavra encontra-se incluída no restante da frase e vice-versa.

7. Para Braida (2006, p.07-08), esta “apreensão do sentido” coloca em questionamento o conceito de objetividade científica da época, pois se insere tal metodologia nas ciências naturais.

8. Segundo Braida (2006, p.07), Schleiermacher é inserido tanto na tradição exegética da teologia protestante como no renascimento dos estudos de filologia clássica, ou seja, um ideal *exegético* de reconstrução do sentido originário do texto, ao contrário da extração kantiana de reinterpretação adotada no período iluminista.

Para Schleiermacher, era necessário analisar as condições gerais em que a compreensão acontecia, de que maneira e por quais razões resultava neste processo interpretativo.

9. Schleiermacher inicia seus estudos filológicos através da tradução da obra aristotélica

(PUENTE, 2002, p.15). O método “divinatório” apreende o individual imediatamente; em contrapartida, o método “comparativo” parte do genérico para o particular. Portanto, a hermenêutica de Schleiermacher empenha-se, precisamente, na tentativa de contornar os dilemas que envolvem as questões estruturais de abordagem e interpretação. Para ele, a união dos métodos é um dos pressupostos fundamentais para a compreensão de qualquer texto que contemple um discurso representativo entre o referencial proposto pelo autor e a linguagem utilizada.

Na visão de Schleiermacher (1829, p. 41-42), a interpretação gramatical e a técnica são complementares, sendo impossível separá-las. A relação entre a receptividade do sujeito e os termos de linguagem aplicados pelo autor são denominados “gramaticais”. O vocabulário, sintaxe, gramática, morfologia e fonética de uma linguagem são recebidos pelo sujeito do objeto-mundo, e eles podem ser “mecanizados”. Já o aspecto espontâneo se refere à “técnica” e à “psicologia”, e está relacionado à forma com a qual o sujeito emprega uma linguagem para seus próprios fins individuais, uma vez que o discurso aplicado pelo autor pode servir como fonte de interpretação, tendo em vista que somente através da apropriação da linguagem adotada pelo autor torna-se possível estabelecer uma aproximação com aquilo que o autor teve a intenção de comunicar.

Assim, afirma Puente (2002, p.10), a obra de Schleiermacher foi fundamental para o cenário contemporâneo, já que, através do seu método interpretativo, conseguiu estabelecer uma relação entre hermenêutica, filosofia, teologia e filologia.⁹ A filologia e a filosofia passaram a ser vistas como elementos inseparáveis da história, e os estudiosos desta época passaram a desenvolver um novo método histórico-crítico de análise.¹⁰

Os diálogos platônicos: Schleiermacher e a sua *Introdução*

O grande renascimento dos escritos platônicos, afirma Reale (1986, p. 26), foi

promovido na Itália, impulsionado pelo movimento espiritual do Humanismo e pelo Renascimento. Foi justamente durante a era moderna que todos os diálogos de Platão foram traduzidos em língua latina ao longo do século XV. As primeiras edições dos diálogos de Platão para o alemão foram traduzidas por Schleiermacher e Ast (SANTOS 2008, p.21).¹¹

De acordo com Lamm (2005, p.94), Schleiermacher foi o responsável por elevar o estudo de Platão além dos críticos “modernos” e “românticos”, com a ajuda que recebeu dos intérpretes mais importantes de sua época: Immanuel Kant, Wilhelm Gottlieb Tennemann, e Friedrich Schlegel, que foi seu amigo e colaborador no projeto de tradução das obras de Platão.¹²

Para Szlezák (1993, p.17-18), não é por acaso que os dois assuntos, a hermenêutica filosófica e a hermenêutica das obras de Platão, se encontram, pois um dos aspectos importantes que fundamentaram este estudo foi exatamente a escolha de Platão pela utilização dos diálogos como forma de escrita.¹³ A forma dialógica que estrutura todos os escritos platônicos pode ser compreendida como um instrumento que favorece o desenvolvimento da reflexão entre a palavra escrita e a linguagem.¹⁴

Segundo Xavier (2005, p.147), este modelo apresentado por Schleiermacher, denominado como “critério tradicional de interpretação” das obras platônicas, foi considerado revolucionário em sua época.¹⁵ A ideia de Schleiermacher não consistia em simplesmente invalidar antigas interpretações ou mesmo regras que direcionassem a tais compreensões, mas sim em apresentar novas diretrizes que pudessem possibilitar novos entendimentos acerca das próprias interpretações que já haviam sido adotadas anteriormente.

As principais dificuldades hermenêuticas encontradas por Schleiermacher no estudo interpretativo de Platão, afirma Hösle (2004, p.59-64), estariam relacionadas a três teses originais. A primeira refere-se à forma de escrita escolhida por Platão, a forma dialógica.¹⁶ A segunda tese

seria recusar a crença de um esoterismo platônico.¹⁷ A terceira consiste na ordem cronológica dos diálogos: Schleiermacher teria refletido sobre o estilo, forma e conteúdo dos diálogos para a proposta de uma nova ordenação deles.

Schleiermacher (1804, p.27-45) inicialmente relaciona as fontes existentes sobre a vida de Platão, examinando cuidadosamente quais notícias biográficas apresentadas sobre o pensador mereciam destaque, e concluiu que a melhor opção é Diógenes Laércio.¹⁸ Segundo Schleiermacher, o objetivo do estudo hermenêutico constitui-se a partir de uma leitura fundamentada em uma nova postura interpretativa, capaz de estabelecer uma linha conceitual das principais características platônicas, uma vez que, ao seu entender, as “vias tradicionais” de interpretação do pensamento de Platão pareciam equivocadas.

Segundo Lamm (2005, p.94-99), no início de sua introdução geral dos diálogos, Schleiermacher identificou duas sentenças incorretas sobre a interpretação dos diálogos platônicos. A primeira sentença refere-se ao fracasso completo dos leitores em compreender a visão de Platão como um pensador dialético que preocupava-se mais em derrubar os argumentos do que em construir sua própria argumentação sobre um tema.¹⁹ A segunda sentença diz respeito à tradição esotérica, ou seja, o possível mal-entendido em decorrência da suposta tradição platônica indireta.

A partir deste equívoco interpretativo sobre a filosofia, o método e a figura de Platão, Schleiermacher procurou desenvolver sua própria interpretação. A proposta hermenêutica de Schleiermacher considerou os diálogos platônicos como uma estrutura independente na relação entre a forma e o conteúdo.²⁰ O esquema metodológico utilizado por ele reduziu os componentes do texto, como alegoria, aforismos e analogias, a uma única unidade estrutural dentro do campo semântico que constituiu a compreensão literal do que estava escrito (XAVIER 2005, p.25-30).

Schleiermacher (1804, p.27-46) iniciou o seu grande estudo sobre Platão se referindo na

primeira parte ao estudo biográfico de Tennemann sobre *A Vida de Platão*. Tanto Tennemann quanto Schlegel estavam comprometidos com a ideia de aproximar Platão através do novo historicismo. Tennemann apresentava um caráter mais histórico e filosófico e Schlegel um sentido mais literário e filológico. As falhas de ambos demonstraram a Schleiermacher a fraqueza de uma abordagem unilateral.²¹

De acordo com Lamm (2005, p.94-95), Schleiermacher utiliza-se da força e da fraqueza do sistema de Tennemann a respeito da filosofia platônica, conforme o próprio Tennemann apresenta em *System der Philosophie platonischen* em 1792, como base de sustentação para o seu método histórico, aquele que Schleiermacher se refere como um “método externo”. No entanto, Schlegel e Schleiermacher divergiram sobre o que envolveria um suposto “método interno”.²²

Embora Schlegel tivesse iniciado o projeto de tradução de Platão comprometido com o historicismo, Schleiermacher estava preocupado com as intenções de Schlegel que lhe pareciam muito mais relacionadas às questões teóricas. A apresentação de Tennemann não conseguia preservar a unidade entre forma e conteúdo, consideradas por Schleiermacher a assinatura de Platão.

Schleiermacher havia considerado tal visão tão autoritária que não via necessidade de revisitá-la. Para ele, a grande fraqueza do “método externo” de Tennemann consistia no não-cumprimento de seus próprios objetivos, como a ordenação dos diálogos e a falta de fundamentação substancial sobre a filosofia de Platão. Não haviam indicadores externos suficientes, o que criou um problema para Tennemann, que foi incapaz de resolver ou não estava disposto a abandonar a noção de um sistema platônico. Logo, acabou traíndo seus próprios ideais metodológicos, pois assegurou que Platão deveria ter tido uma “filosofia” dupla: a “externa”, encontrada nos seus escritos, à qual Schleiermacher se referia como à tradição “exotérica”, e uma outra “secreta”, chamada de tradição “esotérica”.

Ética a Nicômacos. Contudo, a partir deste interesse em traduzir os clássicos gregos, se propõe a utilizar métodos sistemáticos de análise, com base nas experiências teológicas da *exegese* dos textos bíblicos. Assim, ele consegue aproximar a filologia, a teologia e a filosofia ao seu trabalho interpretativo dos diálogos platônicos através da aplicabilidade prática de seu método interpretativo (Puente 2002, p.07-26).

10. Antes de Schleiermacher, a autenticidade dos escritos se dava com base em dois critérios: a especificidade da linguagem e a amplitude, segundo a extensão, do assunto.

11. Schleiermacher se dedicou a traduzir toda a obra de Platão entre 1804 e 1828. Mas, infelizmente, não conseguiu completar seu trabalho, pois ficaram faltando o *Timeu* e as *Leis*.

12. Obras de Platão (*Platons Werke*) surgiu em seis volumes, com os primeiros cinco aparecendo entre 1804 e 1809, uma realização grandiosa do ponto de vista acadêmico. Originalmente, o projeto de traduzir toda a obra de Platão, em conjunto, com a escrita de um “trabalho” sobre Platão, tinha resultado de uma colaboração entre Friedrich Schlegel e Schleiermacher, que haviam sido companheiros de casa por um tempo. Schlegel, um teórico de renome literário e filólogo, pela primeira vez, mencionou o projeto de Schleiermacher em 1799, pouco depois de Schleiermacher ter acabado de escrever seus discursos sobre a *Religião* (1806). Não muito tempo depois de terem começado seu projeto colaborativo, Schlegel levantou a questão em uma carta a seu colaborador, na qual dizia que para ele não seria possível realizar tal atividade junto com seu colega Schleiermacher. Assim sendo, em 1803, a ideia original tornou-se um projeto solitário de Schleiermacher. O primeiro volume foi bem aceito pelo meio acadêmico e chegou a ser considerado como uma obra de gênio (LAMM, 2005, p.95).

13. A datação da obra refere-se à primeira versão de publicação, mas utilizo nas citações a

tradução de Milton Camargo, mantendo a paginação da edição de 2005.

14. Os diálogos platônicos, para Schleiermacher, “estariam cheios de passagens em que presentiríamos que ele estaria aludindo a algo sem que estivéssemos em condição de descobrir o que realmente tem em mente” (HÖSLE, 2004, p.59).

15. Este tipo de interpretação hermenêutica é utilizado em várias universidades, inclusive aqui no Brasil, como ressalta Xavier (2005, p.147).

16. Para Schleiermacher, a forma do diálogo deve ser distinta ao sistema e a sua fragmentação. Pois, somente através desta reflexão seria possível se distanciar de dois possíveis equívocos interpretativos: “crer que Platão não havia tido uma doutrina própria ou aceitar a distinção entre dimensão exotérica e dimensão esotérica” (HÖSLE 2004, p.61).

17. De acordo com Schleiermacher (1804, p.42-47), é difícil chegar a uma compreensão mais elaborada dos diálogos, devido a sua complexibilidade. Assim, para que houvesse uma distinção entre esotérico e exotérico, caberia a Platão relacionar tal distinção à capacidade do leitor. Logo, os defensores das doutrinas não escritas teriam imensa dificuldade para reconstruir de forma coerente com a escrita de Platão essa doutrina. E não existem os documentos que comprovem essas doutrinas, nem mesmo de Aristóteles.

18. Para Diógenes Laércio, não é possível referir-se à verdadeira “natureza” dos discursos platônicos, ou aos diálogos e ao método de raciocínio apresentado por Platão, de maneira “elementar e sumária”, uma vez que o verdadeiro apreciador de Platão deve procurar com cautela as doutrinas deste filósofo e de todos os outros pensadores (D.L., *Vidas*, III, 102).

19. De acordo com HöSle (2004, p.40), isto tem a ver com a forma dialógica que Platão utilizava através da escrita para

O sistema de análise utilizado por Tennemann para os diálogos de Platão não era, portanto, baseado exclusivamente na análise dos textos, desviando assim da nova crítica. Portanto, não abandonou as tendências dogmáticas e, apesar de suas intenções, não encontrou nenhum sistema nos diálogos escritos. Schleiermacher propôs que, dada a escassez de evidência histórica, o “método externo” deveria ser completado por um “método interno”, que ele denominava como “método literário”. Schlegel também estava convencido de que um “método interno” era necessário, porém centrou-se mais na ironia socrática como fator determinante da autenticidade e da ordem dos diálogos. Schleiermacher, por sua vez, advertiu que essa abordagem produziria apenas fragmentos e inconsistências, e não um argumento em si.

Tennemann extrapola os textos autênticos para uma não-escrita ou tradição esotérica, a fim de encontrar o sistema platônico. Schlegel, embora tenha apresentado uma postura anti-sistemática, também partiria das críticas ao texto para seguir a sua teoria literária, uma teoria que lhe rendeu conclusões equivocadas quanto à autenticidade de certos textos.

Apesar de Tennemann e Schlegel apresentarem dois dos fundamentos desta nova abordagem moderna para o estudo de Platão, suas respectivas formas de unilateralidade chegaram ao mesmo resultado problemático: a imposição de suas próprias filosofias sobre Platão (LAMM, 2005, p.94-95). Em resposta, Schleiermacher afirma para Tennemann que o histórico deve ser balanceado pelo interno (ou literário) e para Schlegel afirma que a literatura deveria ser equilibrada por investigações históricas e detalhes filológicos. Em ambos os casos, Schleiermacher considerou que a nova crítica estava contida na filosofia idealista de seus textos.

De acordo com Schleiermacher, a compreensão e a crítica aos diálogos platônicos envolvem partes gramaticais e trabalho comparativo dentro do texto, no qual cada peça é trabalhada com precisão e rigor. Sendo assim, a interpretação correta da filosofia de Platão

dependerá da correta relação entre os diálogos. Portanto, ele se propõe a ordená-los corretamente.

Entretanto, uma ordenação dos diálogos já havia sido apresentada por Diógenes Laércio, segundo o qual os diálogos platônicos poderiam ser distinguidos em “dois tipos principais de diálogos”: o primeiro, responsável pela apresentação da questão e o segundo, pelo aspecto prático.²³

Para Lamm (2005, p.104-105), a primeira tarefa crítica de Schleiermacher, em relação à ordem dos diálogos, foi conseguir identificar os diálogos da “primeira fase”, que são aqueles que formam o corpo “principal” e, em seguida, identificar os diálogos da “segunda fase”, que apresentam as maiores dificuldades em relação a sua datação, uma vez que a marca registrada de Platão não estava tão clara quanto na primeira fase de seus escritos.

A ordenação sequencial dos diálogos era o objetivo central da nova crítica proposta por Schleiermacher, que estava comprometido com a restauração da ordem original dos diálogos. Todavia tinha suas dúvidas quanto a originalidade de uma ordem estritamente cronológica, baseada em datas, dilema que acabou obrigando Schleiermacher a utilizar o método externo, isto é, a considerar os indicadores externos para limitar e comparar as descobertas segundo a aplicação do método interno. Segundo ele, não havia evidência histórica suficiente ou um número significativo de diálogos ou datas que comprovassem a organização cronológica. Assim, Schleiermacher busca outra forma de determinar a sequência original dos diálogos, uma sequência não necessariamente fixada em datas.²⁴

Schleiermacher apresenta as obras de Platão juntas, formando trilógias dos diálogos:²⁵

Primeira trilogia	Segunda trilogia	Terceira trilogia (incompleta)
1. Fedro	1. Teeteto	1. A República
2. Protágoras	2. Sub trilogia do Sofista, Político, e Banquete (Diálogos da segunda classificação)	2. (Timeu)
3. Parmênides	3. Fédon	3. Filebo (Critias)

Pode-se dizer que Schleiermacher propõe a trilogia da trilogia, uma vez que a discussão proposta por Schleiermacher, no sentido de reinterpretar os diálogos de Platão, nos remete a uma discussão ainda mais complexa, pois cria novas alternativas metodológicas a respeito de como o leitor deve se posicionar perante o texto, ou seja, quais seriam as outras formas de se aventurar nesta leitura (Lamm, 2005, p.106-107).

Deste modo, Platão pode ser considerado um dos maiores filósofos devido à pluralidade de significados e à eficácia alegórica que apresentou em seus diálogos.²⁶ Assim, tanto a filosofia de Platão como seus diálogos podem ser considerados uma forma de arte, como sinaliza Diógenes Laércio.²⁷

Esta visão da figura de Platão como um artista é considerada romântica por alguns autores.²⁸ Entretanto, afirma Lamm (2005, p. 97-98), o problema de se denominar a interpretação schleiermacheriana como uma “interpretação romântica” se deve ao fato de que o termo *romântico* carrega diferentes significados e, muitas vezes, estes significados são utilizados para aferi-lo a um método divinatório de interpretação que poderia impor um tipo ideal, independentemente das evidências históricas.

Neste sentido, tanto para Diógenes Laércio quanto para Schleiermacher, a arte de compreender Platão começa, em particular, com um estudo filológico, mesmo que estas pesquisas necessitem de um pouco de arte, seguido de uma análise criteriosa dos diálogos através do método hermenêutico apresentados por Schleiermacher, pois somente com a reconstrução dos fatores técnicos e psicológicos é possível compreender a filosofia platônica contida em seus textos. No que diz respeito aos diálogos platônicos, isso significa que o intérprete deve ser capaz de interagir com o autor através de seu texto.

Assim, o diálogo pode ser reinterpretado a cada nova leitura, revelando novas etapas e diferentes sentidos e, a partir deste processo interpretativo, a forma dialógica seria capaz de proporcionar ao seu leitor as respostas necessárias, desde que este leitor seja apropriado

para tal leitura. Para Schleiermacher, os diálogos deveriam ser compreendidos como instrumentos utilizados por Platão para favorecer, através da analogia dos temas específicos, o desenvolvimento das doutrinas e das ideias apresentadas em seus diálogos.

De acordo com Puente (2002, p. 19), o estudo interpretativo dos diálogos de Platão, proposto por Schleiermacher, considera a forma dialógica um instrumento capaz de induzir o leitor a formular suas próprias ideias, partindo das referências indiretas ao longo do texto e induzindo-o as suas próprias conclusões ou possíveis equívocos interpretativos. Segundo Lamm (2005, p. 104), para Schleiermacher, Platão era um artista cujo objetivo deveria ser considerado de cunho pedagógico, pois seus diálogos não eram, apenas, para explicar seu pensamento aos outros de uma forma animada, mas justamente o contrário, por isso ele buscava animar e elevar, a partir deles, “uma forma viva”.

De acordo com Schleiermacher (1804, p. 45), a diferença entre o “esotérico” e “exotérico” estaria relacionada às qualidades do leitor em sua análise textual, uma vez que a incompreensão dos diálogos pode ser relacionada a duas possíveis vias de interpretação da relação autor/leitor: na primeira, o leitor não compreenderia a obra de Platão, tendo uma apreensão superficial do texto, o que para Schleiermacher seria a via “exotérica”, enquanto que na segunda, a “esotérica”, o fator que determinaria a capacidade do leitor em compreender as alusões feitas por Platão em seus diálogos estaria relacionada ao próprio saber deste.

Neste sentido, a ordem cronológica dos diálogos teria como objetivo publicar os diálogos de maneira didática, ou seja, os diálogos posteriores poderiam ser melhores compreendidos após a leitura dos primeiros. Para Schleiermacher, os *Diálogos* são autônomos e auto-suficientes e não necessitam de finalização por parte de Platão para que as ideias apresentadas ao longo de sua obra sejam compreendidas pelo seu leitor, pois o diálogo consegue afastar os leitores inapropriados e aproximar os verdadeiros leitores.

comunicar suas ideias, bem “como a distinção ligada a sua filosofia”, entre as “doutrinas exotéricas e esotéricas.” Estes dois aspectos contribuíram para o método hermenêutico schleiermacheriano, pois do ponto de vista da hermenêutica moderna, esta distinção se assemelha “aos comentários patrísticos e medievais a Bíblia aparecem a exegetas bíblicos modernos.” Por outro lado, Platão não pode ser “interpretado da mesma maneira que Aristóteles”.

20. Para Schleiermacher, a partir das leituras dos diálogos, era necessário “pensar o texto como um todo indissociável a forma e o conteúdo.” Para compreender corretamente “as concepções filosóficas” de Platão, não bastava somente “analisar sua linguagem, forma ou conteúdo”, pois Platão, através do seu diálogo, pretendia instigar e provocar as ideias em seus leitores (PUENTE, 2002, p.19).

21. O que definiu a pesquisa de Tenemann como sendo verdadeiramente “moderna” é que ele tinha vasculhado todos os estudos anteriores e tinha resolvido o problema da conjectura histórica. Como resultado, foi capaz de isolar determinadas datas e fatos sobre a vida e obras de Platão.

22. Para Schleiermacher, o “método interno” era uma referência ao estilo adotado pelo autor através da sua escolha pelo “método literário”, como no caso de Platão ao utilizar a forma dialógica como instrumento da comunicação escrita.

23. D. L., *Vidas*, III, 49-51.

24. Segundo Puente (2002, p.22), foi comprovada “a inexactidão” de Schleiermacher em relação à cronologia e ordenação dos diálogos.

25. Quadro apresentado por Lamm (2005, p.106).

26. “Essa imediatez, essa multiplicidade e essa força simbólica dos diálogos, já visíveis nas primeiras alusões, fizeram de Platão o autor que, a despeito das diferenças das culturas nacionais, é considerado hoje em

toda parte o mais eficaz instigador do interesse filosófico” (SZLEZÁK, 1993, p.15).

27. D. L., *Vidas*, III, 46.

28. Conferir Szlezák (1985).

29. O uso da forma dialógica por Platão não deve ser interpretada como uma forma de anonimato para o filósofo, pois a ideia de que Platão queria colocar suas opiniões através dos seus personagens deve ser considerada ingênua, segundo Szlezák (1993, p.43)

30. Na sua *Introdução* geral para as obras de Platão, Schleiermacher explicou que o tradutor-intérprete deve ter um conhecimento tão profundo da história da língua grega e do pensamento como a “possibilidade de apresentar algo sobre o estado científico dos Helenos na época de Platão”. Este conhecimento especializado do todo - da linguagem comum ao autor e seu público original, do contexto histórico e intelectual - é o que em sua Hermenêutica Schleiermacher viria a chamar a “parte” gramatical da explicação: só com conhecimento profundo como e especializado o intérprete pode, em seguida, avaliar a singularidade de expressão de um indivíduo da linguagem (LAMM, 2005, p.94-106).

31. Mais tarde, afirma Lamm (2005, p.96), em suas palestras sobre hermenêutica, Schleiermacher explicou a relação entre crítica e interpretação: Hermenêutica e crítica devem estar juntas, porque a prática de uma pressupõe a teoria da outra. Para ele, a hermenêutica em geral pode ser compreendida como a arte do entendimento particular do discurso escrito de outra pessoa, enquanto a crítica é a arte de julgar corretamente e estabelecer a autenticidade dos textos e a análise dos elementos que a comprovem. Assim sendo, a prática da crítica hermenêutica pressupõe que a crítica só pode reconhecer o peso e atribuir aos elementos a prova de sua relação com o pedaço escrito ou a parte do texto em questão após uma compreensão adequada deste texto escrito. Por outro

Na visão de Schleiermacher, para que este processo de interpretação e compreensão se realize, não seria necessário que o diálogo apresentasse as possíveis conclusões; ao contrário, o leitor deveria ser capaz de buscar sua(s) resposta(s) de forma autônoma mediante as indicações reflexivas fornecidas pelo autor. Por sua particularidade, cada leitor tem uma maneira de se posicionar diante da leitura e, por meio da interpretação de cada texto, pode construir seu próprio significado, ou seja, a questão hermenêutica se coloca diante da problemática do discurso e da dialética existente entre a explicação e a compreensão inerentes à escrita.

Segundo Schleiermacher (1804, p. 36-45), a filosofia de Platão só poderia ser compreendida por uma capacidade de estimar devidamente a presença onipresente de um possível desígnio do autor que pudesse ser identificado por meio de seus escritos. Para ele, esta dificuldade em compreender e interpretar a hermenêutica de Platão estaria relacionada à forma de escrita dialógica,²⁹ visto que esta forma permite que o leitor desenvolva os processos necessários para a obtenção de suas próprias conclusões através dos elementos disponíveis ao longo do diálogo.

O diálogo considerado uma forma de arte e a visão da figura de Platão como artista, e sua insistência em aderir apenas à escrita existente em seus textos, chamou a atenção de Schleiermacher para a forma como o diálogo era estruturado, pois era inconcebível para ele a ideia de que uma obra de arte pudesse ser apreciada e compreendida para além da sua forma, já que a forma do diálogo não era outra coisa senão uma forma de arte realizada por Platão.³⁰

Deste modo, aqueles que consideram a forma do diálogo como mero embelezamento estrutural da escrita não compreendem Platão. Schleiermacher identificou a unidade da filosofia de Platão em sua pessoa e em seu gênio artístico. Segundo Lamm (2005, p.97), “a visão de Platão como artista” também obrigou Schleiermacher a “voltar-se para o próprio Platão”, por meio de dicas e elementos que estruturassem sua

interpretação, uma vez que somente um artista poderia interpretar outro artista.

A pesquisa necessária para traduzir, interpretar e explicitar nos diálogos de Platão as analogias e as intervenções necessárias para o desenvolvimento de um processo articulado das diferentes conexões, capaz de criar através das relações e fazer a mediação entre a comunicação utilizada em uma dimensão geral com o contexto da obra, deve incluir o estudo da arte. Pode-se dizer que a obra platônica compreendida através da relação entre sua forma artística, seu conteúdo e sua filosofia garante sua originalidade e autonomia em relação às outras formas de escritas, já que seus escritos seriam semelhantes aos ensinamentos orais da Academia.

Para Schleiermacher, os diálogos platônicos apresentam a filosofia de Platão na sua totalidade, até mesmo os que foram ministrados na Academia, desobrigando o leitor de recorrer às fontes complementares para uma interpretação mais rigorosa, como os eventuais conteúdos esotéricos (LAMM, 2005, p. 97-101).

Considerações finais

Na busca pela explicação do método filosófico utilizado por Platão, a partir da práxis da tradução e interpretação dos diálogos de Platão, Schleiermacher desenvolveu sua própria teoria interpretativa.³¹ A maneira como se aproximou da figura platônica para traduzir os diálogos e desenvolver sua *Introdução*, influenciou de forma significativa o cenário filosófico sobre a imagem de Platão.

Isto se deve em grande parte pelo esforço de Schleiermacher em recuperar as conexões essenciais dos diálogos platônicos, visando instigar o leitor a novas descobertas sem se preocupar em fornecer uma explicação final e definitiva da filosofia de Platão. Para Trabattoni (1998, p.39), a “sensibilidade hermenêutica de Schleiermacher” em relação às obras platônicas “é visível sobretudo no fato de que ele colocou em primeiro lugar [...] o problema de integrar [...] a forma e o conteúdo dos diálogos”.

Desse modo, Perine (2007, p. 20) afirma que para Schleiermacher “compreender o método e o conteúdo da filosofia platônica é compreender os diálogos platônicos”. O pensamento de Platão está contido, exclusivamente, “nos diálogos, tendo como consequência a total desvalorização da tradição indireta”. Talvez, o único equívoco de Schleiermacher e de seus seguidores em relação à exegese platônica tenha sido o de afirmar que o diálogo é auto-suficiente e, conseqüentemente, limitar o peso da tradição indireta. É, contudo, ainda nos diálogos que a principal referência para a reconstrução do pensamento platônico pode ser encontrada.

A grande descoberta de Schleiermacher foi acrescentar mais critérios para complementar esta análise: a forma e o conteúdo. A forma do diálogo platônico, para Schleiermacher, é marcada pelo estilo refinado e pela beleza que constituem a maneira de escrever de Platão.³² Por isso, sua *Introdução* geral dos diálogos articulou as premissas metodológicas utilizadas por Schleiermacher para a arte de interpretar Platão.

De acordo com Lamm (2005, p.105-106), Schleiermacher por meio de seu método interpretativo assumiu o papel de leitor junto aos *Diálogos* de Platão, incorporando sua função de mediador das ideias platônicas. O método de Schleiermacher não tinha como objetivo expor a filosofia de Platão, mas sim sinalizar a necessidade de se captar a ideia de um escritor através de uma atividade involuntária que pode ser considerada a alma da compreensão para o destinatário, mesmo que haja diversos níveis de diálogo em Platão. Para ele, era necessário reconhecer que o autor pode desenvolver novos conceitos através de sua originalidade, mas devem-se considerar os limites existentes para essa transcendência.

A proposta hermenêutica de Schleiermacher foi fundamental para os opositores à ideia de uma tradição esotérica. Ao apresentar a sua hipótese sobre a conexão entre forma e conteúdo, Schleiermacher conseguiu reprimir durante algum tempo novas tentativas de interpretações esotéricas (TRABATTONI, 1998, p.39-42).

De acordo com Migliori (1998, p. 91-114),

a tradução dos diálogos de Schleiermacher, cheia de notas e comentários, permanece como um ponto de referência e deve ser considerado um fator decisivo na evolução do estudo hermenêutico da filosofia de Platão. Schleiermacher conseguiu superar os limites da condenação “dogmática” e elevou os diálogos platônicos à auto-suficiência indispensável para a reconstrução sistemática dos escritos de Platão.

O novo paradigma hermenêutico proposto por Schleiermacher influenciou não somente os estudos relacionados a Platão, mas também o desenvolvimento de uma teoria da interpretação que não estava longe de seu trabalho filológico de tradução e interpretação. Entretanto, tornou-se alvo de críticas, já que sua apresentação determinou o futuro da crítica contemporânea sobre a figura de Platão. Para Santos (2008, p.22), o paradigma estabelecido por Schleiermacher obrigou os comentadores contemporâneos a respeitar dois princípios fundamentais para a teoria schleiermacheriana: “a unidade ideológica, que caracteriza uma filosofia, e a dispersão com a qual ela se apresentava”. Ou seja, ainda hoje é possível constatar a importância de Schleiermacher no cenário filosófico ao se comparar o trabalho dos filólogos e historiadores da filosofia antes ou depois dele

Para Lamm (2005, p.106-107), talvez, Schleiermacher tenha de fato compreendido Platão melhor do que ninguém, já que ele antecipou as futuras gerações de estudiosos de Platão. Estes últimos, mesmo que viessem a alcançar resultados diferentes do primeiro, como aconteceu nestes dois séculos de pesquisas platônicas, ainda se voltaram frequentemente à hermenêutica de Schleiermacher, “seja para refutar sua interpretação de Platão ou para recuperar alguns de seus *insights*”, prova de que ainda está lá o paradigma por ele estabelecido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOWIE, A. (2005). ‘The philosophical significance of Schleiermacher’s hermeneutics’. *The Cambridge companion to: Friedrich Schleiermacher*. Published in the United States of America by Cambridge University Press, New York: 73-90.

lado, a explicação só pode ter a certeza de sua criação e sentido se a autenticidade do texto estiver mediante a prática hermenêutica que pressupõe a crítica. Ou seja, a hermenêutica deve ser colocada em primeiro lugar porque também é necessária para a crítica.

32. De acordo com Schleiermacher, este último critério deve ser considerado um argumento tão sério para sua justificativa que, na ausência ou diminuição destes elementos na forma artística que estrutura os diálogos, o texto deve ser considerado “duvidoso” no que diz respeito a sua autenticidade (LAMM, 2005, p.101-105).

- BRAÍDA, C. R. (2006). 'Apresentação'. *Hermenêutica: Arte e técnica da interpretação*. Bragança Paulista, Ed. São Francisco.
- DIÓGENES, Laércio. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília, Editora UnB, 2008.
- FERRARIS, M. (2000). *Historia de la Hermenéutica*. Tradução de Jorge Pérez de Tudela. Madrid, Akal.
- GOLDSMITH, V. (2002). *Os diálogos de Platão: estrutura e método dialético*. São Paulo, Loyola.
- GRONDIN, J. (1991). *Introdução à hermenêutica filosófica*. Tradução: Benno Dischinger. São Leopoldo, Ed. UNISINOS.
- HÖSLE, V. (2004). *Interpretar Platão. Tradução de Antonio Celiomar Pinto de Lima*. São Paulo: Loyola,
- LAMM, J. (2005). 'The art of interpreting Plato'. *The Cambridge companion to: Friedrich Schleiermacher*. Published in the United States of America by Cambridge University Press, New York: 91-109.
- MIGLIORI, M. (1987). 'Il recupero della trascendenza platonica e il nuovo paradigma'. *Rivista di filosofia neoscolastica*, 79: 351-381.
- MIGLIORI, M. (1998). 'De la critique de Schleiermacher aux commentaires recents. Evolution et articulation du nouveau paradigme de Tübingen-Milano'. *Les Études philosophiques*: 91-114.
- PERINE, M. (2003). 'Retórica e/é filosofia. Leitura do Fedro'. *Hypnos*, n. 11: pp.34-48.
- PERINE, M. (2007a). Medida e paixões no Político de Platão'. *Filosofia Unisinos*, 8(3): 213-226.
- PERINE, M. (2007b). 'A tradição platônica indireta e suas fontes'. *Dissertatio*. Pelotas: Instituto de Ciências Humanas, nº 25: 11-40.
- PERINE, M. (2009a). Estudos Platônicos: Sobre o ser e o aparecer, o belo e o bem. São Paulo, Edições Loyola.
- PERINE, M. (2009b). 'Platão e a ação política dos filósofos'. *IHU: Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, Ed.294: 21-25.
- PLATONE. *Opere Complete*. Edizione elettronica a cura di G. Iannotta, A. Manchi, D. Papitto. Índice dei nomi e degli argomenti a cura di Gabriele Giannantoni. Laterza, Roma, 1999.
- PUNTE, F. R. (2002). 'Apresentação no livro de Schleiermacher". *Introdução aos Diálogos de Platão*. Belo Horizonte, Ed. UFMG.
- REALE, G. (1975-1980). *Platão*. Tradução de Henrique C. de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo, Loyola.
- REALE, G. (1984). Para uma nova interpretação de Platão. Trad. Marcelo Perine. 2ª ed.. São Paulo, Edições Loyola.
- REALE, G. (1986). *Volume I, II e III: Ensaio introdutório*. Tradução para o português de Marcelo Perine. São Paulo, Loyola.
- REALE, G. (1997). *Platão*. Tradução revisada de Marcelo Perine. São Paulo, Loyola.
- Santos, J.T. (2008). *Para ler Platão: Tomo I e II*. São Paulo, Loyola.
- REALE, G. (2009a). *Para ler Platão: Tomo III*. São Paulo, Loyola.
- REALE, G. (2009b). 'A obra platônica, na sua totalidade, é fundante do pensamento ocidental'. *IHU: Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, Ed.294: 07-11.
- SCHLEIERMACHER, F. (1804). *Introdução aos Diálogos de Platão*. Tradução de Georg Otte. Belo Horizonte, Ed. UFMG.
- SCHLEIERMACHER, F. (1829). *Hermenêutica: Arte e técnica da interpretação*. Tradução de Celso Reni Braída. Bragança Paulista, Ed. São Francisco.
- SZLEZÁK, T. A. (1985). *Platão e a escritura da Filosofia: Análise de estrutura dos diálogos da juventude e da maturidade à luz de um novo paradigma hermenêutico*. Tradução de Milton Camargo. São Paulo, Loyola.
- SZLEZÁK, T. A. (1993). *Ler Platão*. Tradução: Milton Camargo Mota. São Paulo, Loyola.
- SZLEZÁK, T. A. (2009). 'Platão, um pensador sistemático, segundo a Escola de Tübingen-Milão'. *IHU: Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, Ed.294: 18-20.
- TRABATTONI, F. (1994). *Scrivere nell'anima: verità, dialettica e persuasione in Platone*. Firenze, La Nuova Itália.
- TRABATTONI, F. (1998). *Oralidade e Escrita em Platão*. Tradução de Fernando E. de B. R. Puente e Roberto Bolzani Filho. São Paulo, Discurso Editorial.
- TRABATTONI, F. (2005). *La verità nascosta. Oralità e scrittura in Platone e nella Grecia classica*. Carocci, Roma.
- TRABATTONI, F. (2010a). *Platão*. Tradução Rineu Quinalia. São Paulo, Annablume (Coleção Archai).
- VAZ, C. H. de L. (1990). 'Um novo Platão?'. *Síntese Nova Fase*, v.17, nº50: 101-113.
- XAVIER, D. G. (2005). 'Para uma leitura alternativa de Platão'. *Educação e Filosofia*, 19, nº 38: 145-157.
- XAVIER, D. G. (2005). 'Para uma metafísica platônica à luz da tradição indireta'. *Hypnos*, nº15: 102-116.

Recebido em novembro de 2010,
aprovado em janeiro de 2011.

